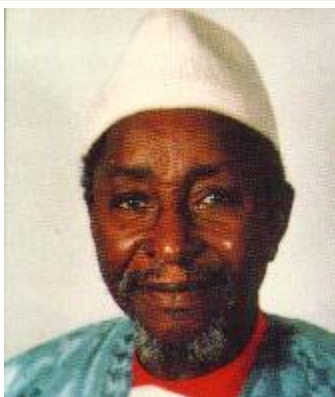


A palavra negra africana e Mali, terra de Amadou Hampaté Bâ
Prof. Dr. Saddo Ag Almouloud
Presidente do Fórum África



Amadou Hampaté Bâ 1901-1991

Não podemos falar de Amadou Hampaté Bâ, sem falar do Mali Pré-histórico, de sua cultura e tradições que influenciariam o escritor, historiador, etnólogo, poeta e contador talentoso que ele foi.

Desde o V^o milênio A. C., o Mali conhecia uma vida humana e cultural intensiva. A sua pré-história é antecedente a toda forma de civilização ao sul do Saara. Os vestígios do Homem malines evidenciam numerosos sinais de vida autoctonia, uma presença ativa e inteligente, de uma cultura cujos instrumentos encontrados constituíam as primeiras provas da sua existência.

Do século VII ao século XIX, certas regiões do Mali foram governadas por Soberanos dos grandes impérios sudaneses de Gana: “Malinkés” (origem do nome do país), “Songhoï”, “Bambaras” e “Toucouleurs”. Nos séculos XV e XVI, a superfície do Império songhoï, por exemplo, representava o dobro do território do Mali atual. No século XIV, o Mali era um dos centros de comercio da África e Tumbuctu era um dos maiores centros do Ensino Islã.

Na zona de savanas e de estepes, que se estende ao limite meridional do Saara, entre o Senegal e o lago Chad, apareceram, notadamente nas bordas do rio Niger, os três impérios africanos mais prestigiosos : o Gana, o Mali e o Songhaï.

O império do Mali, por exemplo, tinha um sistema político e administrativo muito flexível e tolerante, que permitiu a integração, sem dificuldades, de várias populações, tais como os “Tuaregues”, os “Peuls”, os “Toucouleurs”, os “Wolofs”, os “Songhoï” e os “Malinké”, bem como os “Bambara” e os “Dialonké”.

O império do Mali atingiu um equilíbrio entre a estabilidade política e a prosperidade econômica que, na historia dos povos, é a marca das grandes épocas. Como grande monarca muçulmano, o

imperador teve relação de igualdade com os monarcas do Magreb, enquanto a população vivia em paz.

Tumbuctu foi o grande foco intelectual e religioso do Sudão ocidental. É desta cidade que começou a penetração da cultura islâmica na África Negra.

O Mali atual, ocupado na maior parte pelo deserto, o herdeiro do império Songhoi, foi, nos séculos XV e XVI, o principal centro de difusão da cultura islâmica na África sub-saariana. Em 1591 invasores marroquinos destroem a capital do império, Tumbuctu, o que provocou à fragmentação da região em pequenos impérios, incapazes de resistir à penetração francesa ao longo do século XIX. Em 1898, o Mali atual tornou-se uma colônia, com o nome de Sudão Francês

Em 1946 a colônia adquiriu a autonomia para os assuntos internos. Em 1959, com apoio da França, o Sudão Francês e o Senegal formaram a Federação do Mali, que se tornou independente em junho de 1960. Imediatamente depois, o Senegal se retira da Federação. O Mali é proclamado uma República no dia 22 de setembro de 1960

Quem é Amadou Hampaté Ba?

Amadou Hampaté Bâ nasceu em 1901 no Mali, Bandiagara, e faleceu em 1991. Discípulo do [Sansato Tierno Bokar](#), consagrou a sua vida a salvar do esquecimento os tesouros da tradição oral do mundo fula. Sua obra escrita é considerável, sua atividade infatigável, ocupou importantes responsabilidades na administração, na diplomacia de seu país, na UNESCO. Ele é, para a África Negra o guardião da alta memória e o defensor vigilante de uma civilização que ficou por muito tempo desconhecida.

No espaço das tradições fula e bambara que ele conhece bem, Amadou Hampaté Bâ se colocou na escuta da pessoa, da palavra de Deus. Graça ao seu saber e a sua simplicidade sensata de sua abordagem, ao aprofundamento dessas noções essenciais, Hampaté Bâ permitiu ter o acesso aos fundamentos e ao sentido de uma civilização. Para ilustrar sua luta em favor da preservação e da reabilitação das tradições orais africanas, Amadou Hampaté Bâ lançou em 1960, no UNESCO, sua famosa frase: “*Na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima*”. Amadou Hampaté Bâ explica esta frase da seguinte forma:

Algumas pessoas poderiam questionar a importância da África, em especial, das tradições orais para o mundo. Uma das respostas dadas por Hampaté Bâ é: “O riso que o resto do mundo perdeu, uma certa dimensão humana, que a civilização tecnológica moderna está fazendo desaparecer”.

O fato de não ter tido a escrita não significa que a África não tem um passado, e um conhecimento. Citando seu mestre Tierno Bokar, Hampaté Bâ argumenta: « A escrita é uma coisa e o saber é uma outra. A escrita é a fotografia do saber, mas ela não é o saber em si. O saber é uma luz que está dentro do Homem. Ele é a herança de tudo que os antepassados haviam

conseguido conhecer, e que eles nos transmitiram em semente, como o baobab está para seu grão.
»

A transmissão oral é tão precisa e rigorosa que se pode, por meio de diversos recortes, reconstituir os grandes eventos dos séculos passados nos mínimos detalhes, notadamente a vida dos grandes Impérios, ou dos grandes Homens que se ilustraram na história. É assim que Amadou Hampaté Bâ, partindo de recortes das tradições orais, conseguiu reconstituir **a história do Império fula de Macina** no século XVIII. São igualmente esses recortes das tradições orais que permitiram a **Boubou Hama**, do Níger, de fornecer sua imensa produção sobre a história e os conhecimentos tradicionais dos povos africanos.

Nas civilizações orais, a palavra engaja o homem, a palavra é o homem. Daí que surgiu o respeito profundo pelas narrativas tradicionais legadas pelo passado, Na civilização moderna, o papel substituiu a palavra. Mas, segundo Hamapaté Bâ, ***podemos dizer com certeza, nessas condições, que a fonte escrita é mais digna de confiança que a fonte oral, constantemente controlada pelo meio tradicional?***

É importante salientar aqui que na África, ao lado visível e aparente das coisas, corresponde sempre um aspecto invisível e escondido que constitui sua fonte ou seu princípio. O conhecimento africano é então um conhecimento global, um conhecimento vivo. É a razão pela qual, segundo Amadou Hampaté Bâ, **os velhos, sendo os últimos depositários desses conhecimentos, podem ser comparados com as imensas bibliotecas cujas inúmeras prateleiras estão interligadas entre si por invisíveis laços que constituem precisamente essa “ciência do invisível” autenticada pelas redes de transmissão da iniciação.**

Outrora, esse conhecimento é transmitido regularmente de geração a geração, a partir das cerimônias de iniciação e pelas diferentes formas de educação tradicional. Essa transmissão regular foi interrompida por uma ação exterior, extra-africana: o impacto da colonização. Esta colonização, com a sua superioridade tecnológica, seus métodos e seu ideal de vida, fez tudo para substituir o modo de viver dos africanos por sua própria maneira de conceber a vida.

Lembramos que Amadou Hampaté Bâ foi um grande discípulo de Tierno Bokar para o qual dedicou uma obra intitulada “**Vie et enseignement de Tierno Bokar, le sage de Bandiagara**”. Paris: Editions du Seuil. 1980. 254 p. ». Nesta obra, o autor descreve a vida de Tierno Bokar conjuntamente com um resumo dos acontecimentos históricos que marcaram a sociedade onde nasceu. A esses eventos estão ligadas, de fato, as paixões que determinaram em parte seu destino e os problemas que ele havia enfrentado no final de sua vida. Tierno Bokar levava uma vida muito modesta, seu tempo é dividido entre o ensinamento e as orações, palavras impregnadas de amor, de tolerância e de imensa bondade em relação a todos os seres humanos, palavras opostas a qualquer forma de violência e de opressão, palavras estranhamente atuais, tão elas são universais

Para Tierno Bokar, Amor e Caridade são as duas faces indissociáveis da fé e, o amor de Deus não pode ser compreendido sem amor dos Homens e Mulheres. « A fé é como um ferro quente, ele dizia. Refrescando-se, ela diminui de volume e se torna difícil de manuseá-la. É necessário esquentá-la no alto forno do Amor e da Caridade. Precisa-se molhar nossos irmãos e nossas irmãs mais jovens no elemento vitalizante do Amor e tomar os devidos cuidados para deixar as

portas de nossa alma abertas à Caridade. Assim, nossos pensamentos tomarão os rumos da mediação»

Nele, tudo era ensinamento : sua palavra, seus atos, seus gestos e até o seu silêncio que Amadou Hampaté Bâ gostava de compatrilhar, e que transcreveu com tanto brilhantismo.

Bibliografia

- Bâ, Amadou-Hampaté.
 - Le mythe du mbêlu. 2ème conférence internationale des africanistes de l'Ouest, vol. 5 . Bissau. Lisbonne. 1947
 - Oui, mon commandant ! : mémoires II. Arles : Actes Sud. 1994. 396 p.
 - Poésie peule du Massina. Présence africaine, n° 8-9 (n.s.), 1950, p. 169-84.
 - Hymne à la vache, *in* Le Monde noir, no. spécial, 8-9 de Présence Africaine, 1950, pp. 169-184.
 - L'origine de la race peulhe. L'éducation africaine (n.s.), vol. 40, n°14, 1952, p. 73-75.
 - Culture peulhe. Compte rendu du 1er Congrès international des écrivains et artistes noirs. Paris: Présence africaine, n.s. nos. 8-9-10 (juin-nov.), 1956, p. 85-97.
 - Origine de l'homme selon la tradition peule. Afrique en marche, nos. 7-8 (août-oct.), vol. 19, 1957.
 - Koukamonzon. Niamey : CNRSH, [1971?]. 23 leaves. Séries: Etudes et documents (Niamey, Niger).
 - Niamey, Regional Documentation Centre for Oral Tradition. 1972? 89 p.
 - Kaidara / introduction to Kaidara by Lilyan Kesteloot ; translated from original French language edition by Daniel Whitman ; A Fulani cosmological epic from Mali ; Kings, sages, rogues—the historical writings of Amadou Hampate Ba, by Whitman and interview with Amadou Hampate Ba conducted in French at his home in Abidjan, Ivory Coast (1979).1988. Washington, D.C. : Three Continents Press. 159 p. : ill. Includes bibliographical references (p. 157-159)
 - The Fulbe or Fulani of Mali and Their Culture. ABBIA, nos. 14-15, 1966, p. 55-87.
 - [Aspects de la civilisation africaine : personne, culture, religion](#). Paris: Présence africaine. 1972. 140 p.
 - Koodal : lo splendore della grande stella. 1989 ; racconto iniziatico fulbe raccolto e trascritto da Amadou Hampate Ba ... [et al.] ; a cura di Cristina Brambilla. Roma : Coletti. 83 p.
 - Jésus vu par un musulman. Dakar-Abidjan: Nouvelles éditions africaines. 1976
 - [Vie et enseignement de Tierno Bokar, le sage de Bandiagara](#). 1980. Paris: Editions du Seuil.
 - The living tradition. General History of Africa Berkeley: UNESCO - University of California at Berkeley. 1981
 - Njeddo Dewal, mère de la calamité : conte initiatique peul. 1985. Abidjan : Nouvelles Editions africaines. 156 p.
 - La poignée de poussière : contes et récits du Mali. Nouvelles Editions africaines. 1987. 99 p.

- Amkoullé, l'enfant Peul : Arles : Actes sud ; Paris : Agence de coopération culturelle et technique. 1991. 409 p.
- Petit Bodiel et autres contes de la savane. Paris : Stock. 1994. 259 p.
- Histoire du Sahel occidental malien : des origines a nos jours. 1989. Bamako, Mali : Editions Jamana. 244 p.
- Bâ, Amadou Hampate. .The fortunes of Wangrin : the life and times of an African confidence man / translated by Aina Pavolini Taylor ; with an introduction by Abiola Irele and ; an afterword by the author. 1998. Bloomington : Indiana University Press.
- Bâ, Amadou-Hampaté & M. Cardaire (1957). Tierno Bokar, le sage de Bandiagara. Paris: Présence africaine.
- Bâ, Amadou-Hampaté & Germaine Dierterlen. (1961). Koumen, texte initiatique des pasteurs peuls. Paris. La Haye: Mouton.
- Bâ, Amadou-Hampaté & Germaine Dierterlen. (1966). Les fresques d'époque bovidienne du Tassili N'ajjer et les traditions des Peuls. Hypothèse d'interprétation. Journal de la Société des africanistes, vol. 36, n° 1, p. 141-57.
- Bâ, Amadou-Hampaté & Lilian Kesteloot. (1968). Une épopée peule : Silamaka. L'Homme, vol. 8, n°1, p. 5-36.
- Bâ, Amadou-Hampaté & Lilyan Kesteloot. (1969). Kaidara. Paris: Julliard. 181 p. Jaawambe; traditions historiques des peul jaawambe, presentees
- Bâ, Amadou-Hampaté, L. Kesteloot, Christiane Seydou, Alpha Ibrahim Sow. L'éclat de la grande étoile suivi du Bain rituel. 1974. Paris: A. Colin.
- Bâ, Amadou-Hampaté et J. Daget. [L'empire peul du Macina : \(1818-1853\)](#). 1984. Abidjan : Nouvelles Editions africaines : Editions de l'Ecole des hautes etudes en sciences sociales. 306 p., [11] p. of plates : ill.
- Louis Brenner. West African Sufi. [The Religious Heritage and Spiritual Search of Cerno Bokar Saalif Taal](#).